

TRINCA, W. (2017) **O filósofo ou a procura do encanto da vida**. Appris Editora 2 ed. Curitiba

ARACÊ MARIA MAGENTA MAGALHÃES

Depois de viver a vida como um exuberante orgasmo, depois de um orgasmo de vida, qualquer um pode morrer. (Trinca p.18)

O autor desta obra, Walter Trinca, é escritor, poeta, psicanalista, Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, da International Psychoanalytical Association e Titular da Academia Paulista de Psicologia, ocupando a Cadeira nº 40, “Walther Barioni”. É graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo, onde foi docente, supervisor, orientador, coordenador do programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e pesquisador: Mestre, Doutor, Professor Livre-docente e Professor Titular. Neste livro, o autor utiliza a leveza e o ritmo da poesia e do romance para trazer ao leitor as inquietações de Tomás Andreas, um livreiro que herdou o negócio do pai, casado com Jandra, mulher dedicada não só ao atendimento aos clientes da loja, como perspicaz às aflições que dominavam o marido. O autor constrói seu personagem principal como um homem comum, com um trabalho, uma esposa, um único filho Felipe e afetado diretamente pelas crises econômicas e financeiras do país onde necessita criar estratégias de enfrentamento para seu negócio sobreviver, embora diminuído e bem mais restrito que outros tempos. A genialidade do autor trouxe, para o protagonista, características do homem comum, que pode ser o autor, você, eu, enfim bastante propícias à empatia e à identificação do leitor com o personagem. A prosa leve, entremeada por pura poesia, já de início começa a traçar o perfil de insatisfação de Tomás com seu trabalho, com sua pintura em telas nas horas vagas, consigo mesmo e com sua vida como um todo. A angústia consumia seus dias e não deixava dúvidas de que algo não estava bem. Até as tarefas mais simples, como o levantar da cama, exigiam de Tomás a pesada obrigação do dever, onde não havia prazer, só obrigação.

Aí nasce o filósofo a procura de algo que lhe falta – o encanto da vida. Nesta trajetória, o protagonista volta-se para si mesmo numa tentativa de se resgatar e efetua reflexões sobre o seu sofrimento, desespero, desalento e como até então tentava tamponá-los na maior parte das vezes com compras inúteis de produtos novos, uma vez que estes só o tiravam momentaneamente, da realidade interna oprimida. Tomás faz um diário de seus pensamentos e vai construindo uma compreensão do que lhe causa dor,

afetos positivos, alegria, contentamento. Tantas indagações o colocam em contato com um universo sensorial que abarcava a sua capacidade de pensar e o transformava num “homem-coisa”. Talvez como um filósofo, o protagonista identifica em si mesmo e no seu dia-a-dia como tudo se tornou compulsório, automatizado, pequeno e busca na vida que há dentro de si e em toda parte, a alternativa para mudar. O autor descreve como seu personagem Tomás vai procurar na natureza, a vida, a beleza, a verdade, o amor que lhe estavam suspensos, numa moratória de sonhos e vitalidade. Neste ponto começa a se descortinar um mundo novo, nunca visto em sua graça, encanto, perfume, cor, som, forma! O filósofo percebe a *radiância do mundo*. Assume a atitude contemplativa e permanece reflexivo sobre a imaterialidade e a sensorialidade da vida. O autor traz a realidade imaterial como fugidia em si mesma e na mente, mas que detém um profundo existir, decorrente de um espaço mental alargado, colorido e suavizado. Como fugidia, não há como permanecer ao protagonista ou a quem quer que seja, apenas na imaterialidade. Oscila-se entre esta realidade e a sensorialidade. Em contrapartida à imaterialidade, a realidade sensorial é percebida pelo autor como aquela que traz a concretude, a abolição dos sonhos, sucumbida e entregue às tristezas, ao desencantamento da vida, às angustiantes inquietações e ao emurcheçar da vitalidade. Como o filósofo que se isola dos demais para efetuar sua busca interior, o personagem também busca o isolamento para efetuar as reflexões de que necessita sua alma, sua “limpeza de chaminé”, como alude o autor à fala de Anna Ó, paciente de Sigmund Freud, ao se referir à catarse de seus conteúdos internos. Não há como separar o martelo da bigorna e nesse ponto, o autor psicanalista, coloca seu personagem como tendo efetuado um caminho nesta teoria, mais precisamente, em análise, a que reconhecia que o ajudara e fortalecera, mas interrompido antes de finalizado. O caminho efetuado pelo personagem, para dentro de si, continua nas muitas páginas do livro, adentrando à experiência do amor a si mesmo, ao outro, às dificuldades do amor singular e entre o casal, a entrega ou a dificuldade da entrega, a irrealização no amor e os desafios

recíprocos de duas pessoas que escolheram, numa determinada época, caminhar juntos. A trajetória da leitura coloca o leitor a efetuar junto com o personagem, o caminho de ida para algum lugar isolado, em busca de algo que falta e grita para ser ouvido. Essa é a angústia, o afeto que não engana que algo vai mal e precisa de atenção.

Podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que o tema é muito atual numa sociedade adoecida pela angústia, depressão, sensorialidade e medicalização do sofrimento. O leitor que nunca teve contato com a obra do autor e sua teoria compreensiva, poderá se

beneficiar, passo a passo, com a construção e apreensão do conhecimento, de forma clara, aplicada e cuidadosa, além da poesia e prosa que nem todos os leitores de Trinca tiveram o prazer de conhecer mas que nesta obra também se beneficiam. A linguagem adotada pelo autor é agradável, fluida e lembra o prazer de ler as obras dos grandes mestres da literatura. Ao leitor afoito para saber o final da trajetória do protagonista, convidamos à leitura calma e sossegada desta obra que embora extensa, convida a penetrar no mundo da imaterialidade, delicadeza, afetividade e beleza.

DE FARIA, D.L. e WAHBA, L.L. **Criatividade, Arte e Psicologia Junguiana**. Editora CRV, 2017. Curitiba.

CLEUSA KAZUE SAKAMOTO

A obra organizada por Durval Luiz de Faria e Líliliana Liviano Wahba é composta de nove capítulos elaborados por doze autores de reconhecida expertise que se revezam em duplas na autoria dos textos, com a exceção de três capítulos que possuem apenas um autor. O eixo teórico junguiano que permeia a totalidade dos capítulos, representa destaque ao livro que concede oportunidade a um aprofundamento dentro das fronteiras do pensamento do analista Carl Jung. O primeiro capítulo intitulado “Explorando as relações entre vergonha e criatividade”, o autor Alexandre Schmitt apresenta uma revisão bibliográfica sobre o sentimento de vergonha e a atividade criativa na perspectiva da visão junguiana e, posteriormente, apresenta um debate cuja ênfase se dirige às fases do processo criativo (seus mecanismos) e características de personalidade do indivíduo criador, que culminam com a conclusão de que a vergonha que estimula “entrar em contato com um Eu mais profundo e, naturalmente, dar-se vazão à atividade imaginativa” pode ser um elemento que promove a criatividade. O capítulo dois, de título “A abstração e uma nova leitura da realidade – Jung, Picasso e a Arte Moderna” proposto por Sandro J.S. Leite e Líliliana Liviano Wahda, aborda o conceito de abstração relacionando-a à representação do mundo concreto e do plano simbólico e debate a produção artística de Picasso contrapondo as ideias de Jung e de outros autores contemporâneos. As conclusões convergem para a ideia de que a abstração na arte do ponto de vista psíquico, expressa uma “recusa diante dos padrões tradicionais de representação e propulSIONA

a introspecção e a um estado de reflexão.” Afirmam os autores que as formas abstratas “são instaurações de novas realidades [...] que parecem desempenhar uma lógica própria de composição”. O capítulo três – Psicologia complexa e Arte visionária – de autoria de Fernando Rocha Beserra e Líliliana Liviano Wahda, versa sobre “um estilo particular de arte na qual o artista visa produzir sua obra relacionando-a diretamente a visões provenientes de sonhos ou Estados Alternativos de Consciência”, cuja prática apresenta o desafio de “apreender a linguagem específica [...] simbólica e plurissignificativa, tal como acontece em relação aos sonhos.” O capítulo quatro, intitulado “A saga Harry Potter: impactos do imaginário” de Fernanda Gonçalves Moreira e Líliliana Liviano Wahda, analisa o enredo da história atribuindo “à fantasia a criação de realidade psíquica” em que o herói “elabora seus dilemas, conflitos e traumas” ante “o penoso confronto com a morte a vivência de luto”, por intermédio da “força do imaginário”. O capítulo ressalta que existem na saga, inúmeros “guias no processo de individuação” que “servem de alimento espiritual” a toda uma geração de admiradores que necessita “restabelecer a confiança em um mundo mais sustentável e amigável”. O capítulo cinco de autoria de Luiz Paulo Grinberg, denominado “Nijinski, o Deus da dança” trata da biografia do bailarino russo que “inaugurou a dança moderna” e que sofreu de transtorno psicótico em um período em que ainda não haviam avanços científicos na área medicamentosa. O autor descreve a história familiar, a trajetória profissional e interpreta aspectos de sua personalidade e genialidade. O